

METÁFORAS CONCEPTUAIS EM GÊNEROS CONVENCIONAIS E EMERGENTES

Maria Margarete Fernandes de Sousa*
Flávia Cristina Candido de Oliveira*

RESUMO

O uso de metáforas é visto por muitos como, apenas, um recurso estilístico encontrado nos gêneros literários, mas esse uso extrapola esses domínios, visto que aparecem em diversos gêneros da fala e da escrita. Por essa razão, este trabalho se propõe a fazer uma discussão, baseado na teoria de Lakoff; Johnson (1980), sobre Metáforas Conceptuais, e Fauconnier e Turner (2002) sobre a teoria de Integração Conceptual, demonstrando em outros gêneros escritos, como essas metáforas são construídas. Através da análise de um corpus de sete balões e dois poemas, observamos como se apresentam as metáforas conceptuais e a construção mental presente nelas. Ou seja, verificamos que em ambos os gêneros há uso de metáfora conceptual com o propósito de construir os sentidos do texto.

Palavras-chave: Metáfora conceptual, Integração conceptual, Gênero emergente.

ABSTRACT

The use of metaphors is seen by many people just as an ornamental resource found in literary genres, but such concept is not accepted anymore, since they appear in many genres of speech and writing. For this reason, based on Lakoff; Johnson's (1980), the Conceptual Metaphor Theory and Fauconnier; Turner (2002) Conceptual Integration Theory, this paper aims to discuss how metaphors are built in other writing genres. Through the analysis of a corpus composed of seven little bubbles and two poems, we observed how conceptual metaphors are realized and how the mental images found in them are constructed. It was, thus, evident that the use of metaphors is present in both genres with the purpose of building the senses of the text.

Keywords: Conceptual metaphor, Conceptual integration, Emerging genre.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – PPGL/UFC

Introdução

As metáforas são consideradas como um recurso estilístico encontrado em gêneros literários. De acordo com as pesquisas realizadas a partir de Lakoff e Johnson (1980), observamos que essas expressões linguísticas licenciadas por mapeamentos metafóricos apresentam-se em diversos gêneros da fala e da escrita cotidiana.

As análises apresentadas complementam-se com a teoria de Integração Conceptual por essa orientar-nos para uma compreensão do sentido que subjaz às metáforas encontradas nos “balõezinhos” da revista Mundo Estranho e em versos de dois poemas de Mário Quintana: *Inscrição para uma lareira* e *Os poemas*, sendo esses apenas um complemento para compararmos o texto poético com outro gênero denominado “balãozinho”. Esses balõezinhos são preenchidos pelos leitores da revista, já citada, que traz em suas publicações uma imagem seguida de um balão em branco para o leitor enviar um texto referindo-se, de forma bem-humorada, àquela imagem.

A análise dar-se-á através da teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980); Johnson e a teoria da Integração Conceptual de Fauconnier; Turner (2002), para levantarmos os pontos relevantes em ambas as teorias em relação ao objeto de estudo.

1. Metáfora: Considerações Preliminares

A propósito do status da linguagem metafórica, Furlanetto (2006) lembra que, no passado, muitos estudiosos como VICO, NIETZSCHE, RICHARDS (s/d) advogavam em favor da primazia do metafórico como fundamento da linguagem. Todavia, ela questiona sobre o que seria metafórico e se o metafórico se explica pelo literal. Ou seja, só entendemos o que é metafórico, porque estabelecemos relação com o sentido da linguagem literal, haja vista que a mudança de “tom” não descaracteriza o sentido original rigorosamente.

Furlanetto, assim como outros autores (SILVA, 2003), acredita que é conveniente se reportar a Aristóteles, que representa os estudos tradicionais sobre sentido metafórico. Aristóteles define metáfora em sua *Arte Poética*. Para ele, a metáfora possui “uso desviante” da linguagem em contraposição ao uso original/literal. Entretanto, adverte a autora que o sentido de “desviante” não, necessariamente, deve ser entendido como contrário ao “normal”. O que Aristóteles enfatiza, com isso, é que a metáfora é uma qualidade de estilo e “deve pressupor clareza para que o discurso cumpra sua missão: o ser utilizado por todos (que se) coaduna com o critério da clareza, apesar da qualidade de ‘enigma’ que resulta de uma transposição bem definida” (FURLANETTO, 2006, s/p.).

É de Furlanetto o exemplo: “um homem honesto como um quadrado” (2006, s/p.), essa metáfora, como podemos constatar, remete à *perfeição*. Isso reforça, também, que a metáfora é encontrada nas coisas próximas, porém sem ser demasiado evidentes.

Vale destacar que, a despeito do que se pensava, no passado, que a metáfora não representava inovação semântica, isto é, não forneceria qualquer informação nova sobre a realidade, Ricouer (*apud* FURLANETTO, 2006) se insurge, pois, para ele, o sentido conotativo, implícito, conduziria ao explícito de valor cognitivo. Ponto de vista com o qual concordamos. Embora não altere sobremaneira o conteúdo, há um processamento/ interpretação dos enunciados que mostra mudança de significação. Podemos encarar a metáfora como “um acontecimento semântico que se produz no ponto de intersecção entre vários campos semânticos” (RICOEUR, *apud* FURLANETTO, 2006, s/p.).

Ainda a propósito da dicotomia metafórico-literal, é importante frisar que muitos estudiosos colocam-se contrários a isso (ORLANDI, 1984; FURLANETTO, 2006; BAHKTIN, 1992), pois, para eles, e nós concordamos também, a literalidade é produzida pelo uso, logo, é efeito do discurso. Isso quer dizer que o sentido não se constrói sozinho, isoladamente; ele é fruto de um conjunto de relações que se estabelecem entre os elementos responsáveis pela comunicação.

Tomemos um exemplo de Furlanetto (2006, s/p.) que ilustra tal afirmação:

- I- A disparada de Orestes Quércia nas pesquisas oxigenou o PMDB e cimentou (grifos da autora) a idéia de candidato próprio à presidente.

Com isso, ela mostra que, para compreendermos o deslocamento semântico de oxigenou e o efeito de sentido que o termo provoca (deu vida, fortaleceu), precisamos saber seu significado literal¹. O mesmo se dá com cimentar, cujo sentido, no texto, é fortaleceu, sedimentou, que conserva as “propriedades” do sentido literal². Esses deslocamentos, procedimentos, podemos ver, são resultado de derivação metafórica.

Assim como a maioria dos autores (citados), também concebemos uso metafórico e literal da linguagem de forma interdependentes, pois são indissociáveis. Todavia, podemos, perfeitamente, distingui-los nos diferentes usos apesar de haver diferenças entre essa explicação e a teoria de Lakoff; Johnson (1980) que é mais aprofundada.

1.1. Teoria da Metáfora Conceptual

Segundo Silva (2003), a metáfora, anteriormente, era associada à linguagem literária como um recurso de ornamentação. Com o advento dos estudos da Linguística Cognitiva, observou-se que esse mecanismo retórico é um fenômeno encontrado em expressões da linguagem corrente e considerado como um instrumento cognitivo do cotidiano.

A teoria da metáfora conceptual surgiu a partir dos estudos de Reddy (1993 *apud* CHAVES 2004, p. 51), inferindo que as metáforas mortas pareciam envolver a pressuposição figurativa de que a linguagem transfere os pensamentos e os sentimentos. Seus estudos deram início à teoria da Metáfora de Canal³. Lakoff e Johnson (1980) deram continuidade a essa pesquisa, corroborando a idéia de uma metáfora conceptual subjacente à linguagem.

Em 1980, os autores lançam o livro *Metaphors we live by* sobre suas descobertas e defendem a idéia de que a metáfora faz parte de nossa vida cotidiana e que nosso sistema conceitual é metafórico.

Segundo Lakoff ; Johnson (1980, p. 207)

A metáfora conceptual é necessária para uma maior compreensão do que acontece em nosso mundo. A teoria científica tenta fornecer uma compreensão de várias

1. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra significa (Quím.) tratar (uma substância) pelo oxigênio e fixá-lo em sua molécula; fortalecer, avigorar; combinar-se com o oxigênio.

2. Ligar, unir com cimento; pavimentar com cimento; alicerçar; firmar, consolidar.

3. Teoria em que a linguagem funciona como um canal que transfere pensamentos personificados de uma pessoa para outra.

classes do fenômeno do pensamento numa elaboração consistente de vários grupos de metáfora conceptual. Quando a metáfora básica da teoria científica são extensões da metáfora básica em nosso sistema conceptual cotidiano, então nós sentimos que cada teoria é “intuitiva” ou “natural”.⁴

A definição de metáfora, a partir da teoria de Metáfora Conceptual, remete a uma compreensão de que o homem é possuidor de uma racionalidade e está inserido numa cultura. A teoria introduz a noção de domínios cognitivos divididos em domínio-fonte (*source domain*) e domínio-alvo (*target domain*). O domínio-fonte tende a ser motivado por conceitos mais concretos, de fácil compreensão e de uso cotidiano; enquanto o domínio-alvo tende a ser esquematizado por conceitos mais abstratos.

Entre o domínio-fonte e o domínio-alvo deve haver uma correlação, resultando no mapeamento para uma determinada metáfora conceptual, esse mapeamento diz respeito ao princípio da direcionalidade. De acordo com Lakoff (1980), o mapeamento do domínio-fonte no domínio-alvo é unidirecional, isto é, são mapeamentos assimétricos, vão de um conceito mais concreto e melhor delineado para um conceito mais abstrato.

Feltes (2007) caracteriza os modelos cognitivos metafóricos de Lakoff e Johnson como segue: (1) há um domínio conceitual **A** bem estruturado (diretamente significativo) que chamamos de Domínio-Fonte; (2) há um domínio conceitual **B** que carece de estruturação para efeitos de sua compreensão – que chamamos de Domínio-Alvo; (3) há um mapeamento que liga o domínio-fonte ao domínio-alvo que chamamos Projeção Metafórica; (4) a projeção metafórica de **A** para **B** é motivada naturalmente por uma correlação estrutural regular que associa **A** a **B**; (5) os detalhes do mapeamento entre **A** e **B** são motivados pelos detalhes da correlação estrutural entre **A** e **B**; (6) um modelo metafórico é um modelo em **A** e **B** estão relacionados numa estrutura conceitual, sendo especificada de **A** para **B**.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas conceptuais podem se apresentar em três tipos:

- **Metáforas Orientacionais:** estruturam os conceitos linearmente, orientando-se por referências a orientações lineares não-metafóricas;
- **Metáforas Ontológicas:** projetam características de entidade (seres) ou substâncias sobre algo que não apresenta essas características.
- **Metáforas Estruturais:** estruturaram um tipo de experiência ou atividade em termos de outro tipo de experiência ou atividade.

As Metáforas Conceptuais, segundo o mesmo teórico, podem se apresentar também como básicas – ontológicas e orientacionais; metáforas mais elaboradas a partir das metáforas básicas – estruturais; metáforas de esquema de imagem e metáforas de imagem. Essas metáforas apresentam uma característica em comum que é a unidirecionalidade, isto é, o mapeamento sempre ocorre de um domínio mais físico, mais concreto (domínio fonte) para um domínio menos físico, mais abstrato (domínio alvo).

4. Metaphorical concepts are necessary for understanding most of what goes on in our world a Scientific Theory attempts to provide an understanding of some class phenomena through the consistent elaboration of some set of metaphorical concepts. When the basic metaphors of a scientific theory are extensions of basic metaphors in our everyday conceptual system, then we feel that such a theory is “intuitive” or “natural”. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

1.2. Teoria de Integração Conceptual (Mesclagem)

A teoria de Integração Conceptual é uma extensão dos estudos de Fauconnier sobre espaços mentais iniciados na década de 80, juntamente com Turner e seus colaboradores⁵, desenvolveram esse estudo da integração conceptual que consiste, segundo os autores, em “uma operação básica sobre espaços mentais”⁶ (FAUCONNIER; TURNER 2002, p.225). De acordo com Silva (2003), pretende-se explicar com essa teoria como os falantes e ouvintes registram correspondências conceptuais e constroem novas inferências durante o processo do discurso. A idéia central da teoria é de que a projeção conceptual, domínios origem e alvo ou espaço *input*, é projetada num espaço integrado (*blend*), cuja estrutura não deriva, inteiramente, dos espaços *input*.

Segundo Fauconnier; Turner (2002, p. 40), “eles (espaços mentais) contêm elementos e são tipicamente estruturados por *frames*. Eles são interconectados, e podem ser modificados à medida que o pensamento e o discurso se desenvolvem”⁷. Um exemplo de Fauconnier; Turner (2002) é de um espaço mental formado pela cena “Julie compra café no *Peet’s coffee*”. Os elementos estruturais que são organizados pelo *frame* “transação comercial” também pelo *subframe* “comprando café no *Peet’s* é relevante para Julie. O conjunto de domínios conceptuais é formado por “comer e beber”, “comprar e vender” e “conversa social em lugares públicos”.

Os espaços mentais, de acordo com o exemplo supracitado, demonstram o conceito de que as representações mentais discursivas e temporárias são construídas pelo falante quando esse pensa e fala acerca de uma determinada situação passada, presente ou futura, vivida ou imaginada, recrutando informações de vários domínios ao mesmo tempo e do contexto, tendo como função responder às necessidades de conceptualização. Para uma compreensão acerca dos conceitos de espaço mental e de *frame* Coulson (2002 *apud* LIMA, 2003, p. 67) afirma:

Espaços mentais podem ser imaginados como um recipiente temporário para informações relevantes sobre um domínio em particular. Um espaço mental contém uma representação parcial de entidades e relações de um cenário particular conforme entendido por um falante. Os espaços são estruturados por elementos os quais representam cada uma das entidades do discurso, e por *frames* simples para representar as relações que existem entre eles. *Frames* são pares de valor-atributo estruturados hierarquicamente que podem ser integrados com informações perceptuais, ou usados para ativar o conhecimento genérico sobre pessoas e objetos assumidos por *default*⁸.

5. Grady, Oakley, Coulson, Brandt.

6. Conceptual Integration is a basic mental operation over mental spaces.

7. They contain elements and are typically structured by frames. They are interconnected, and can be modified as thought and discourse unfold.

8. Mental spaces (Fauconnier, 1994) can be thought of as temporary containers for relevant information about a particular domain. A mental space contains a partial representation of the entites and relations of a particulat scenario as construed by a speaker. Spaces are structure by elements wich represent each of discourse entities, and simple frames to represent the relationships that exist between them. Frames are hierarchidcally generic knowledge about people and objects assumed by default.

Fauconnier; Turner (2002) utilizam diagramas para abordagem sobre os espaços mentais e integração conceptual. Nesses diagramas, os círculos representam os espaços mentais, os pontos (os ícones) dentro dos círculos, os elementos, e as linhas representam os mapeamentos entre elementos nos diferentes espaços. As linhas sólidas indicam o mapeamento entre os espaços de entrada, o espaço genérico⁹ e o espaço mesclado¹⁰. Já a interpretação neural dos processos cognitivos em que se inserem os espaços mentais, segundo Fauconnier; Turner (2002 p.40) são vistos como “conjuntos de organizações neuronais ativadas e as linhas entre os elementos correspondem à co-ativação de ligações de um certo tipo”¹¹.

O diagrama obedece a uma estrutura mínima, formada por quatro espaços mentais: dois espaços de entrada (*input*), o espaço genérico e o espaço mesclado (*blend*). Para uma compreensão de como se dá esse processamento mental, iniciaremos a explicação pelo espaço *blend*, que herda alguns elementos de cada um dos espaços *input*. Do *input* alvo herda a identidade, do *input* origem herda o papel. Os dois espaços partilham elementos representados no espaço genérico. Além de herdar elementos do espaço *input*, o espaço *blend* constrói o seu próprio conteúdo ‘emergente’ e este resulta da sobreposição de elementos dos espaços *input*. Para que a estrutura emergente surja dentro do espaço mesclado, ela pode ser gerada de três maneiras: por composição de projeções dos espaços de entrada; complementação baseada em *frames* e cenários arrolados independentemente; e por elaboração (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Fauconnier; Turner (2002, p.49) acrescentam que “as possibilidades criativas da mesclagem conceptual provêm da natureza irrestrita da composição e da elaboração. Elas recrutam e desenvolvem novas estruturas de modos que são fundamentados, mas efetivamente ilimitados”.¹²

A teoria de Integração Conceptual dá-nos respaldo para uma análise mais aprofundada acerca dos processos mentais, porque, diferente da teoria de Metáfora Conceptual, amplia a possibilidade de um sentido acerca das idéias contidas no “balãozinho”, nosso objeto de estudo, que vem de universos diferentes, mas que se completam. A metáfora conceptual não daria conta desse sentido, restringir-se-ia, pois, somente ao domínio-fonte e ao domínio alvo. Analisaremos os “balãozinhos” à luz da teoria já citada, juntamente, com os princípios da teoria de Metáfora Conceptual. Vejamos como esta teoria se evidencia nos gêneros selecionados.

2. Análise de Dados

O *corpus* é constituído de sete “balãozinhos”, retirados de uma seção da revista Mundo Estranho, publicação mensal da editora Abril, e dois poemas de Mário Quintana (2003), do livro Nariz de Vidro. As “construções” são denominadas “balãozinhos” por não apresentarem, na revista, um nome específico para esse gênero, conforme dito chamamos de balão. Esses “balãozinhos” aparecem seguidos de uma imagem, geralmente, cena de filme ou foto, para que o leitor construa o texto no espaço do balão, de forma bem-humorada, referindo-se àquela imagem. A construção do texto é

9. São espaços que apresentam elementos comuns aos espaços de entrada.

10. São espaços que apresentam elementos dos dois espaços de entrada projetando um novo espaço, a mesclagem.

11. Sets of activated neuronal assemblies and the lines between correspond to coactivation-bindings of a certain kind.

12. The creative possibilities of blending stem from the open-ended nature structure for the blend in ways that are principled but effectively unlimited.

feita pelos leitores e escolhida pelos organizadores da seção. A escolha dessa publicação mensal deu-se pelo fato de haver humor, ser um gênero emergente em que o texto é elaborado com a colaboração do leitor e relacionar à imagem a linguagem, já os dois poemas fazem um contraponto com os “balõeszinhos”

Esses “balõeszinhos” foram divididos por assunto: sociedade, sexo e política. Para análise das expressões linguísticas licenciadas por mapeamentos metafóricos dos “balõeszinhos”, tomamos como base a teoria de Metáfora Conceptual de Lakoff; Johnson (1980), por aprofundar as noções de domínio-fonte e o domínio-alvo nas construções analisadas e para uma complementação da análise, utilizamos a teoria de Integração Conceptual (Mesclagem) de Fauconnier; Turner (2002) que dá conta de uma explicação mais detalhada do sentido das expressões metafóricas presentes na imagem e na linguagem que se complementam nesse tipo de texto. Apresentaremos a análise de três “balõeszinhos” dos sete que foram analisados, para que tenhamos uma visão do que ocorre quanto ao tema abordado.



Fig. (01) (Fonte¹³)

Verificamos na construção do texto acima dois Espaços-Fonte, de acordo com a teoria de Integração Conceptual, no primeiro espaço o papel é de vítima e no segundo espaço o papel é de agressor. No decorrer da análise, a identidade de ambos é trocada: ora o agressor passa à condição de vítima, ora a vítima passa à condição de agressor. O objeto utilizado, a espada, apresenta-se no espaço-fonte 1 como o objeto em si, instrumento cortante, enquanto no espaço-fonte 2, assume a condição de uma reação física por parte de quem está sendo agredido. A finalidade no espaço-fonte 1 é a de matar, literalmente, assumida pelo meio que é degolar a cabeça, aparecendo no espaço-fonte 2 como agressão verbal utilizando o meio: palavras. O espaço genérico apresenta-se entre agressor (agente) e vítima (paciente) e a finalidade e o meio como já foi citado. Para haver a compreensão da expressão linguística metafórica, a mesclagem entre a finalidade (matar) do espaço-fonte 1, mesclada ao meio (palavras) do espaço-fonte 2, resultando em agressão verbal – raiva – sendo esse domínio-alvo. Para uma melhor visualização das explicações acima, vejamos o esquema para chegarmos a mesclagem ou *blending*.

13. Todas as figuras que compuseram o *corpus* desta pesquisa e que foram objeto de análise fora retiradas da Revista Mundo Estranho e do site da revista www.mundoestranho.com.br Acesso em: 24 jul. 2008.

Espaço Genérico		
	Agressor (agente)	
	Vítima (paciente)	
	Finalidade	
	Meio	
Entrada de espaço 1 (Fonte)		Entrada de espaço 2 (Fonte)
Papel: vítima	→	Papel: agressor
Identidade de vítima (agredido)	→	Identidade de agressor (agente)
Papel: agressor	→	Papel: vítima
Identidade de agressor (ação/ agressor)	→	Identidade de vítima (paciente)
Espada (objeto/concreto)	→	Reação física (concreto)
Finalidade: matar	→	Finalidade: agressão (verbal)
Meios: cortar a cabeça (degolar)	→	Meios: palavras
Identidade de vítima	→	Identidade agres
Identidade de agressor	→	Identidade de vítima
Espada		Reação física

Finalidade: matar → Meios: palavras
 Agressão verbal: RAIVA
Espaço alvo (mesclagem)

O segundo balãozinho analisado:



Fig. (02)

A segunda expressão linguística metafórica apresenta-se no espaço-fonte 1, assumindo o papel vendedor de pastéis com a identidade pasteleiro. E, no espaço-fonte 2, no papel político com a identidade político corrupto. O “objeto” apresenta-se como pastel para o vendedor e dinheiro para o político com a finalidade de vender pastéis para o primeiro e ganhar dinheiro ilícito para o segundo através do meio pastelaria e de desvio de verbas. O espaço genérico forma-se entre o vendedor de pastéis e o político, ambos agentes, com instrumentos, finalidades e meios citados acima. A mesclagem consiste em fazer o cruzamento entre a finalidade de vender pastéis de sabores variados, incluindo o sabor pizza, e o meio desvio de verbas que resulta em impunidade, a palavra pizza no texto remete à expressão “Tudo termina em pizza”, ou seja, não há punição para os políticos corruptos de maneira a formar o domínio-alvo.

Espaço Genérico

Vendedor (agente)

Governo (agente)

Instrumento – pastel/ dinheiro

Finalidade - vender pastel/ ganhar dinheiro ilícito

Meios – pastelaria/desvio de verbas

Entrada de espaço 1 (Fonte)

Papel: vendedor de pastéis

Identidade: pasteleiro

Pastel

Finalidade: vender pastéis variados

Meios: pastelaria

Identidade: vendedor

Pastel

Entrada de espaço 2 (Fonte)

Papel: políticos

Identidade: político corrupto (Brasília)

Dinheiro

Finalidade: ganhar dinheiro ilegal

Meios: desvio de verbas

Papel: político corrupto

Dinheiro

Finalidade: vender pastéis variados (pizza) → Meios: desvio de verbas

IMPUNIDADE

Espaço alvo (mesclagem)

O terceiro balãozinho:



Fig.(03)

Na última análise dos “balõesinhos”, o espaço-fonte 1 apresenta o papel homem na identidade de companheiro em um jantar e, no espaço-fonte 2, no papel mulher na identidade de amante. O “objeto” entre ambos é língua, sendo um apresentado sob a forma de alimento e o outro órgão com a finalidade, no espaço-fonte 1, de fazer uma refeição em que o prato principal seria língua e, no espaço-fonte 2, fazer carícias íntimas. O meio destaca-se no espaço-fonte 1 na preparação do alimento pela mulher e, no espaço-fonte 2, a sedução também partindo da mulher, ora língua é visto como órgão, relacionado ao alimento, ora como sedução. No espaço de mesclagem a finalidade de “preparar a língua” é relacionado ao meio sedução, resultando em preliminares de uma relação sexual. O domínio-alvo apresenta-se sob a forma de preliminares, juntamente, com a imagem de uma mulher puxando o lábio inferior de um homem, motivo pelo qual causa humor.

Espaço Genérico

Homem (paciente)

Mulher (agente)

Instrumento: língua (alimento/ órgão)

Meios: preparação (alimento/ sedução)

Entrada de espaço 1 (Fonte)

Papel: homem (paciente)

Identidade: companheiro (companhia)

Língua (alimento)

Finalidade: fazer a refeição

Meios: preparação do alimento

Identidade: companheiro

Companhia

→

→

→

→

→

→

→

Entrada de espaço 2 (Fonte)

Papel: mulher (agente)

Identidade: amante

Língua (órgão)

Finalidade: fazer carícias

Meios: sedução

Papel: mulher

amante

Finalidade: fazer refeição → Meio: sedução

As preliminares da RELAÇÃO SEXUAL

Espaço alvo (mesclagem)

Num segundo momento, analisamos um poema de Mário Quintana intitulado **Inscrição para uma lareira** conforme podemos observar abaixo.

**A vida é um incêndio: nela¹⁴
dançamos, salamandras mágicas.**

Que importa restarem cinzas

se a chama foi bela e alta?

Em meio aos toros que desabam,

cantemos a canção das chamas!

Cantemos a cação da vida,

Na própria luz consumida...

Nessa análise, priorizamos dois versos destacados no poema, a fim de compreendermos o sentido de uma parte do texto. Para efeito de análise, observamos no espaço fonte 1, papel vida (existência terrena) e, no espaço-fonte 2, papel fogo (chama); a identidade aparece em espaço-fonte 1 como vida humana e no espaço-fonte 2 incêndio; os objetos são representados por chama da vida no primeiro espaço fonte, enquanto no espaço fonte 2 chama de incêndio; finalidade no primeiro é viver bem e no segundo queimar; meio no primeiro espaço-fonte 1 aproveitar a vida e no espaço-fonte 2 matéria (chama). Quando fizemos o cruzamento das ideias, através da mesclagem, identificamos a finalidade de viver bem relacionada ao meio matéria que significa, de acordo com a nossa compreensão, efemeridade da vida conforme a chama que representa essa expressão metafórica licenciada. Abaixo, podemos ver o esquema para compreendermos o sentido dos dois versos do texto analisados.

14. Grifos nossos.

Espaço Genérico

Papel: vida/ fogo

Chama da vida/ chama de incêndio

Finalidade: viver bem/ queimar

Meio: aproveitar cada momento/ matéria

Entrada de espaço 1 (fonte)

Papel: vida (existência)

Identidade: vida humana

Chama da vida

Finalidade: viver bem

Meio: aproveitar cada momento

Identidade: vida humana → Papel: fogo

Chama (vida) → Chama (incêndio)

Entrada de espaço 2 (fonte)

Papel: fogo (chama)

Identidade: incêndio

Chama do incêndio

Finalidade: queimar

Meio: matéria

Finalidade: viver bem → Meio: matéria

EFEMERIDADE

Espaço alvo (mesclagem)

Considerações Finais

O objetivo pretendido por este trabalho foi demonstrar que a Metáfora Conceptual apresenta-se também em textos emergentes conforme estes denominados de “balõezinhos” bem como em textos poéticos. Geralmente, essas metáforas são consideradas nos poemas como um recurso de ornamentação e criação abstrata por estar relacionada somente a imagem mental enquanto nos “balõezinhos” a imagem influencia na construção do texto pelo leitor bem como na leitura e compreensão da metáfora. Além disso, a teoria de Integração Conceptual, que complementou nossa análise, apontava os espaços de entrada (espaço 1 e espaço 2) e como esses espaços mesclavam-se de maneira a nos levar a uma compreensão acerca da crítica presente em determinados comportamentos que resultava em humor quando relacionávamos à imagem a linguagem.

Referências

CHAVES, C.N.M. **Metáfora e humor**: humorísticas peripécias de um macaco sabido. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2004.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. **The way we think**. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities, New York: Basic Books, 2002.

FELTES, H.P.M. **Semântica Cognitiva e Modelos Culturais**: perspectivas de pesquisa. In Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, 2007. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tp1POSletras/posgraduação/strictosensu/letras/professores/heloisa_feltes. Acesso em 10 jun. 2008.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

FURLANETTO, M.M. Literal metafórico: um percurso discursivo. **Geocities**, 2006. Disponível em: http://br.geocities.com/agatha_7031/metafora.html. Acesso em 05 set. 2008.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. The Metaphorical Structure of the Human Conceptual System. **Cognitive Science** 4, 1980. Disponível em: <[www.cogsci.rpi.edu/cogworks/CSJarchive/1980 v 4/i02/p0195 p0208/MAIN.PDF](http://www.cogsci.rpi.edu/cogworks/CSJarchive/1980_v4/i02/p0195_p0208/MAIN.PDF)> Acesso em 05 set. 2008.

LIMA, S.M.C. **(Re) categorização metafórica e humor**: trabalhando a construção dos sentidos. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2003.

QUINTANA, M. **Nariz de Vidro**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

REVISTA MUNDO ESTRANHO. São Paulo: Abril, n. 57, nov. 2006.

REVISTA MUNDO ESTRANHO. Disponível em: <www.mundoestranho.com.br> Acesso em: 24 jul. 2008.

SILVA, A.S. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades** 7. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, pp.13-75, 2003.